

**A memória vestida de romance: algumas questões sobre o
Integralismo a partir da literatura**

Silvia R. Ackermann*

Resumo: José Marcelo Grillo, autor capixaba, escreveu *Anauê! A apaixonante saga integralista numa colônia de imigrantes italianos*, no ano de 2001. O livro é um romance que aborda o movimento integralista em Floresta, hoje Burarama (ES). Interessam, nessa obra, algumas pistas deixadas pelo autor que relacionam integralismo e poder local, a criação de novas fronteiras no interior de um grupo étnico, além dos ressentimentos presentes na memória dos moradores de Floresta, lembrando-nos que as paixões e outros sentimentos não estão distantes da política.

Palavras-chave: Ação integralista brasileira - Espírito Santo - Imigrantes italianos.

Abstract: José Marcelo Grillo, an author from Espírito Santo state, wrote *Anauê! A apaixonante saga integralista numa colônia de imigrantes italianos* in 2001. The book is a novel that approaches the integralist movement in Floresta, now Burarama (ES). What interest in this work, are some clues left by the author that relate integralism and local power, the creation of new boundaries in the internal of an ethnic group, beyond the present resentment in the memory of the inhabitants of Floresta, remembering to us that passions and other feelings are not distant of the politics.

Key-words: Brazilian Integralist Action - Espírito Santo - Italian immigrants.

Um lugar idealizado

Anauê! A apaixonante saga integralista numa colônia de imigrantes italianos, escrito por José Marcelo Grillo, pode ser enquadrado na ampla expressão “romance histórico”.¹ Uma paixão proibida entre um membro da elite local, casado, líder do Partido Social Democrático (PSD) na região, e uma jovem simpática ao movimento integralista é utilizada pelo autor para contar a experiência integralista no município de Floresta, hoje Burarama, sul do Estado do Espírito Santo.²

O Estado do Espírito Santo sediou o primeiro Congresso Nacional Integralista no ano de 1934. Após o evento, a Ação Integralista Brasileira (AIB) se espalhou por várias

* Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos; bolsista CNPq.

¹ O autor nasceu no município de Burarama. É mestre em Agronomia, policial rodoviário federal e dedica-se à literatura. Atualmente também é editor de revistas locais. A partir deste momento, será usado apenas o termo *Anauê!* para se referir à obra.

² Floresta, hoje Burarama, foi fundada por descendentes de “colonos” italianos vindos de Carolina e era distrito de Cachoeiro do Itapemirim, sul do Estado do Espírito Santo. A economia do município era baseada no plantio do café.

regiões, principalmente aquelas que receberam imigrantes europeus – em sua maioria, alemães e italianos – ainda no século XIX.³

O integralismo fez parte da história de muitos moradores de Floresta e de outros tantos distritos e municípios capixabas. Uma história repleta de sentimentos e, principalmente, de ressentimentos. Por esse motivo, Grillo, cuja família também guarda tais memórias, preferiu usar as vestes do romance, a fim proteger as feridas e suavizar as marcas que ainda persistem naqueles que viveram aquele tempo. Assim, sobrenomes foram trocados e personagens foram fundidas nessa obra qualificada pelo autor como “[...] um retrato colorido da saga vivida por italianos durante o fugaz e intenso advento do Integralismo, retratando fielmente a realidade daqueles dias de pseudo-liberdade e apreensão, de perseguições e vinganças, de amizade e desavenças” (GRILLO, 2001:10). Além de entrevistas, Grillo utilizou documentação da época, principalmente, o Jornal Correio do Sul e fotografias.

O integralismo no Espírito Santo ainda não foi abordado por muitos pesquisadores. Em 1992, foi editado o livro *Lembranças Camponesas* que registrou as memórias de pessoas idosas em Venda Nova do Imigrante, surgindo, nessas lembranças, o integralismo. Achiamé (2005) centra sua análise no período da interventoria, ganhando o integralismo algumas páginas e a advertência do autor da necessidade de pesquisas sobre o tema. Além disso, foram publicados alguns artigos, resultados de pesquisas ainda em andamento (FAGUNDES, 2005). *Anauê!*, por sua vez, é o único livro de literatura capixaba que retratou, especificamente, o movimento integralista no Estado.

A utilização de obras literárias para a construção do discurso histórico não é novidade para os historiadores sociais, pois, há muito tempo, percebeu-se o seu valor como representação de uma época, afinal ela é um testemunho histórico (CHALHOUB; PEREIRA, 1998). O livro em questão não pode ser usado com esse objetivo, já que o autor é nosso contemporâneo. O que nos parece mais relevante são as pistas deixadas pelo autor, provavelmente, de forma não intencional.

O livro aborda questões recorrentes na literatura sobre o integralismo, como os possíveis motivos que levaram os imigrantes e descendentes a ingressar no movimento (GERTZ, 1987; FALCÃO, 2000), as representações de integralistas e comunistas (DUTRA, 1997; OLIVEIRA, 2004) e a repressão ao movimento (LAZZARO; COUTINHO; FRANCESCHETTO, 1992).

³ Cabe ressaltar que os imigrantes, tratados aqui como “alemães”, eram, na verdade, hessianos, pomeranos, suíços, hanoverianos, luxemburgueses, prussianos, holsteinianos. A maioria dos italianos veio das províncias da região do Vêneto.

Ao longo do texto, outras questões surgem. Primeiramente, estão os indícios relacionados com o poder local, alterado com a chegada da AIB. Em segundo lugar, e talvez mais importante, seja a ligação estabelecida entre o integralismo e a criação de novas fronteiras no interior de um grupo étnico, no caso, italianos e descendentes. Além disso, associado à memória, o livro sugere que os ressentimentos ainda persistem, criando o desconforto de falar sobre aqueles dias.

O objetivo aqui não é tentar distinguir o “real” do “ficcional”, nem discutir a qualidade literária da obra. Buscou-se apenas enfatizar as possibilidades de pesquisa sugeridas pelo livro *Anauê! A apaixonante saga integralista numa colônia de imigrantes italianos*.

Essa obra constrói a memória de uma comunidade de “origem italiana”, que migrou de Carolina para Floresta em busca de uma vida mais próspera.⁴ Grillo dá visibilidade ao alto grau de coesão desse grupo, quando demonstra que a decisão de migrar foi precedida por conversas na casa de vizinhos, onde os prós e contras eram debatidos, além de empréstimos para que famílias unidas por laços de compadrio pudessem comprar o seu pedaço de terra e, dessa forma, continuar vizinhos.

Os personagens centrais, Berllone e Gardini, esperavam construir em Floresta um mundo idealizado: uma cidade próspera, sem estranhos e sem violência. E assim se fez. Berllone e Gardini prosperaram financeiramente e entraram para a política.

Os perfis psicológicos de Berllone e Gardini também são realçados. O primeiro é retratado como uma figura carismática, filho e pai amoroso, mesmo ausente na educação dos filhos. Graças à sua personalidade, teve a honra de ser conhecido pelo sobrenome do pai falecido.⁵ Ele era “O Berllone”.

Gardini, por sua vez, é apresentado como um homem sério, disciplinado, fiel, sovina e que criou seus filhos com muita rigidez. A ele também foi destinado o nome da família Gardini, seu pai tornou-se, então, o “nono Gardini”.

Floresta surge aos leitores como um lugar próspero e harmonioso. Nesses primeiros tempos, a “civilização” só era perturbada pelos “brasileiros e negros”:

⁴ Burke (2002) salienta que o termo comunidade é útil, porém problemático, pois traz consigo a idéia de solidariedade, homogeneidade e ausência de conflitos.

⁵ Gualberto (1995) assinala que era prática recorrente entre os coronéis escolher, entre seus filhos ou parentes, aquele que tivesse o perfil mais adequado para assumir a sua posição.

Floresta povoava-se rápida e harmoniosamente, transformando-se no centro de uma região próspera e altamente civilizada. [...] A dificuldade era o povo de fora – os brasileiros – não os italianos fundadores. Estes tinham pouco estudo, mas eram civilizados (GRILLO, 2001:70).

Quando os italianos chegaram a Floresta existia ainda um resto de escravidão. Negros ocupavam alguns pedaços de terra e trabalhavam para os antigos donos. A chegada dos italianos foi como uma avalanche [...]. Aos negros ficaram destinadas as terras da periferia, que foram sendo ocupadas à medida que novos italianos chegavam. Isso gerou uma certa mágoa dos negros contra os novos habitantes. As provocações eram constantes [...] mas os italianos dominavam sua raiva e não tomavam nenhuma atitude de represália contra os provocadores (GRILLO, 2001:93).

Assim, maiores conflitos eram evitados graças à “civildade” dos novos habitantes de Floresta. A fronteira étnica era marcada pelos “italianos” e os outros: “brasileiros” e os “negros”. Tal fronteira, segundo Grillo, não permitia casamentos inter-raciais. Não se deve esquecer de Elias e Scotson (2000), quando estes salientam o importante papel da coesão grupal para um efetivo controle social e manutenção dos principais cargos dentro da comunidade.

Os “outros”, isto é, os “brasileiros não civilizados” e aqueles oriundos de “restos da escravidão”, não conseguiram manter a mesma coesão, já que, possivelmente, também se imaginavam diferentes entre si, perdendo espaço para o novo grupo. Pode-se afirmar que a situação dos negros ainda era pior, pois, além de perderem suas terras, carregavam consigo o estigma de sua “raça”, que lhes conferia um *status* de valor humano inferior (GOFFMAN, 1978). Por certo, a coesão do grupo migrante foi o fator primordial para fazer de Floresta um lugar em que o poder foi dividido entre dois chefes locais que pertenciam ao mesmo grupo, Berllone e Gardini.

A chegada do integralismo

O mundo de Floresta parece ser marcado por elementos que nos remetem ao universo dos “coronéis”. Baseando-se na análise de Nunes Leal, Carvalho (1997:231) assinala que

[...] o coronelismo é [...] um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos [...]. O coronel hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos.

Porém, em Floresta, não encontramos a típica figura do coronel.⁶ Berllone e Gardini eram os líderes políticos da região, atuando como “coronéis-vendeiros”. Tal prestígio era decorrente de seu capital econômico e social (BOURDIEU, 2004). Os dois possuíam terras, meeiros, pila de café e cada qual, a sua venda. Segundo Gualberto (1995), os vendeiros tinham um papel muito importante nessas pequenas localidades. Era aos vendeiros que os pequenos agricultores entregavam a sua produção de café que, por sua vez, repassavam aos intermediários ligados ao comércio internacional. Além disso, era na venda que se comprava fiado, ouvia-se rádio e as fofocas aconteciam.

Eles também ocupavam os cargos mais respeitados da comunidade – Berllone era juiz de paz e Gardini fiscal de rendas – além de estabelecerem a ocupação dos outros cargos da localidade que eram usados como instrumentos de dominação. Isso permitia ao chefe local, agora também político, manter a sua lei, proteger os seus interesses econômicos, evitar a atuação de rivais e aumentar ainda mais o seu capital econômico e social, nesse universo marcado pela troca de favores.

Segundo Grillo, os baixos preços do café, consequência da crise de 1929, criaram um clima de insatisfação entre os colonos. Aliada à situação econômica desfavorável, uma promessa não cumprida por Fernando de Abreu, prefeito de Cachoeiro, desagradou um dos chefes locais, Gardini. Ele queria a autorização para distribuir a quem lhe conviesse as terras do município. O prefeito, por sua vez, ficou relutante em transferir tamanho poder de barganha a Gardini. Insatisfeito com a sua magra fatia de poder, ele acabou se direcionando para uma proposta política alternativa: o integralismo.

Esse é o momento da ruptura. Os fundadores do novo distrito de Floresta ficaram em lados opostos. Berllone continuou como representante do PSD e Gardini aderiu à AIB. A situação, para Berllone, começou a ficar complicada, já que ele representava o governo e, portanto, era cobrado pelas atitudes de Getúlio Vargas. Os colonos não acreditavam mais na mediação feita pelo vendeiro com as instâncias superiores.

Nesse contexto, a doutrina integralista teve um campo fértil para crescer. O autor argumenta que o descontentamento com a política varguista, atrelado à simpatia pelo governo de Mussolini, atraiu boa parte dos habitantes. Outros ainda eram seduzidos pelos uniformes, hinos, bailes, desfiles e outras manifestações. Para Grillo, o integralismo surgiu aos olhos desses colonos como uma alternativa para a política da época, uma forma de proteger a si e suas terras, tendo como base a tríade Deus, Pátria e Família.

⁶ Para Carvalho (1997), o coronelismo é um fenômeno datado. Ele está ligado ao contexto da Primeira República e relaciona-se com a progressiva perda de poder do “mandão” que, por sua vez, procura se aliar ao governo para continuar existindo. O coronelismo foi definitivamente encerrado com a implantação do Estado Novo.

Tem-se, então, a imagem de uma comunidade cindida, não apenas na política, mas também no lazer e nas relações de amizade e compadrio. Com a perseguição aos integralistas, Berllone, ao mesmo tempo, comandava e limitava o poder do subdelegado Argemiro que, por sua vez, representava a repressão em Floresta. Este último, na trama, utilizava todas as oportunidades para demonstrar o seu poder e tirar vantagens dos integralistas.

São atribuídas ao subdelegado humilhações públicas, como varrer a rua, além de ameaças de prisão, invasão de casas, apreensão de armas, etc. Se o autor se preocupa em não rotular os integralistas como mocinhos ou bandidos, a mesma preocupação não se dá com a personagem do subdelegado. Ele personifica o mal.

Aos amigos tudo, aos inimigos a lei

Nas páginas de *Anauê!*, é possível perceber, também, como um grupo buscou representar o seu “outro”, pois é bastante nítido que o advento do integralismo criou uma fronteira no interior do grupo étnico (BARTH, 2000).

Para construir a diferença entre o Nós e o Eles, eram usados os símbolos integralistas, já bastante conhecidos, como a camisa verde, o sigma, a saudação Anauê!, assim como outros elementos mais sutis, direcionados ao comportamento, como a disciplina, o respeito e, ainda, não beber em público.

Os xingamentos também contribuíam para demarcar a diferença. Os integralistas eram apelidados de *periquitos*, *sigmóides*, recepcionados, jocosamente, com um “Anauê! bota as pernas para corrê!” pelos pessedistas. Por certo, uma alusão à expressão utilizada pelos próprios integralistas: “Anauê! até morrê!”.

Já para os integralistas, os pessedistas eram comunistas. A sigla do partido PSD era deturpada para “Partido Sem Deus”. Não havia lugar para a neutralidade: quem não era integralista, era comunista.⁷

Assim, às velhas fronteiras étnicas, que construíram as diferenças entre os de “origem italiana” e os “brasileiros e negros”, abria-se uma nova fronteira no interior do próprio grupo. Fronteira política que mobilizava intensas paixões.

Agora os “outros” não eram mais os “brasileiros e negros”, já que o integralismo poderia aproximar os de “origem italiana” dos “brasileiros e negros” e afastar, ao mesmo

⁷ O Partido Social Democrático (PSD) foi criado no Espírito Santo para dar sustentação ao governo de João Punaro Bley.

tempo, outros de “origem italiana”. A nova fronteira dividia “integralistas” e “comunistas”, mesmo que, aparentemente, nem comunistas, nem aliancistas, atuassem em Floresta.

Ainda assim, num momento do livro, a diferença intransponível entre “italianos” e “brasileiros” surgiu quando a filha de Berllone, para afrontar o pai, começa a namorar escondido um “brasileiro”. Isso é visto pela família como um ultraje, e todos ficam aliviados quando a personagem encontra uma nova paixão, o filho do ex-compadre Gardini, um “italiano integralista”. Mesmo sendo integralista, ainda era melhor do que um brasileiro. Afinal, podia-se deixar de ser integralista, mas não de ser “brasileiro”.

Percebe-se, então, que as fronteiras eram fluidas, elementos étnicos, políticos e, possivelmente, também econômicos, se mesclavam, ganhando ou perdendo relevância conforme as circunstâncias.

Memórias

Também não se pode deixar de questionar as relações entre os afetos e a política (ANSART, 2001). Se os sentimentos se deixam entrever, mesmo nas frias páginas dos documentos, a memória traz os sentimentos difusos de insatisfações e ressentimentos, retratados nas páginas de *Anauê!*

É preciso se interessar pelos sentimentos, pois eles também levam à ação. Pensar, por exemplo, naqueles sentimentos que foram mobilizados pelo integralismo, como as insatisfações pessoais – representadas por Gardini – ou coletivas, que uniam os “colonos” na luta contra o baixo preço do café ou na proteção de suas terras da “ameaça comunista”.

O livro solidifica a imagem do ressentimento que, segundo Ansart (2001), designa representações e sentimentos como rancores, invejas, desejos de vingança, humilhação e medo.

Dessa forma, é necessário refletir sobre as situações e sentimentos gerados durante e após o movimento. Brigas de famílias, xingamentos, ameaças, tocaias e assassinatos ainda povoam a memória, sendo o combustível que alimenta os rancores que persistem até hoje.

É necessário também questionar se, durante a repressão ao integralismo, os sentimentos compartilhados de perseguição, humilhação e medo não funcionaram como catalisadores de sentimentos de solidariedade e cumplicidade no interior desse grupo, reforçando ainda mais os laços entre aqueles que aderiram ao movimento, ou se, no período de perseguição, os laços étnicos suplantaram as diferenças políticas. Talvez um elemento

indicativo do último caso seja o fato de não ter sido encontrado nenhum processo que tenha chegado ao Tribunal de Segurança Nacional (TSN) proveniente de Floresta.

Considerações finais

O livro tenta construir uma história em que não há bandidos ou mocinhos, mas a imagem de certa injustiça cometida contra os camisas verdes e de uma repressão exagerada por parte do governo permanece.

Embora não se possa imaginar uma comunidade harmônica e coesa antes do integralismo, a atuação da AIB, certamente, traçou novas fronteiras dentro de Floresta.

No livro, após a morte cercada de magia do subdelegado Argemiro, os ânimos se acalmam. A morte do delegado parece ter sido usada pelas personagens centrais como um elemento simbólico, pois, com o seu corpo, enterravam também os dissabores daqueles dias.

Contudo, conforme o próprio autor, as entrevistas deixaram claro que o integralismo, oficialmente, acabou, mas ficaram as paixões e os ressentimentos gerados naqueles dias.

Referências Bibliográficas

ACHIAMÉ, Fernando Antônio de Moraes. **Elites políticas espírito-santenses e reformismo autoritário (1930-1937)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)entimento: indagações sobre uma questão sensível**. São Paulo: Unicamp, 2001. p. 15-36.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 229-249, 1997.

- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de. (Org.). Apresentação. In: _____. **A história contada**: capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-13.
- DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FAGUNDES, Pedro Ernesto. Os integralistas e as eleições de 1935 no ES. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/PEDRO%20ERNESTO%FAGUNDES.pdf>> Acesso em: 26 abr. 2007.
- FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: UNIVALI, 2000.
- GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**: germanismo, nazismo, integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade manipulada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GRILLO, José M. **Anauê!** A apaixonante saga integralista numa colônia de imigrantes italianos. Cachoeiro de Itapemirim: [s.n.], 2001.
- _____. O livro *Anauê!* Entrevista concedida à autora, Cachoeiro de Itapemirim, 8 fev. 2007.
- GUALBERTO, João. **A invenção do coronel**: ensaios sobre as raízes do imaginário político brasileiro. Vitória: Edufes, 1995.
- LAZZARO, Agostinho; COUTINHO, Gleci; FRANCESCHETO, Cilmar. **Lembranças camponesas**: a tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante. Vitória: [s.n.], 1992.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Perante o tribunal da História**: o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-1937). 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2004.